



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

"SOFRIA DEMAIS, MAIS A GENTE ERA ALEGRE": AS FIBREIRAS E O COTIDIANO NOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE EM CUBATI/PB (1950-1980)

Silvano Fidelis de Lira/Universidade Federal da Paraíba

“O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele tá pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha.”¹

Ao falar de suas memórias, de suas experiências de trabalho nos campos de agave², a narradora nos faz perceber experiências marcadas por (res) sentimentos, experiências, que através da narrativa oral, nos revelam *outra história*, a história das mulheres nos campos e motores de agave, ou como sugere o “vocabulário” do trabalho com agave, as mulheres fibreiras. Mas que história é essa? Uma história de gênero? Uma história das mulheres?

Embora não se trate, diretamente, de uma discussão de gênero o texto apresenta alguns pontos de encontro com esse conceito que é historicamente construído³, o conceito de gênero surge a partir do interesse de se contrapor as ideias de diferença social biológica, dessa forma, os estudos de gênero viriam rompendo com a noção biológica referente à sexualidade⁴ (MATOS, 1998).

¹ Julieta de Castro da Silva, 63 Anos, entrevista realizada em 29/072013.

² Planta originalmente trazida do México no final do século XIX, somente a partir do final da década de 1930 o sisal passou a ser visto como uma alternativa econômica. Foi introduzida nos estados da Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte, em virtude das condições climáticas propícias, pois o sisal é uma planta semixerófila, que requer clima quente e grande luminosidade e é adaptada a regiões semi-áridas.

³ Sobre a essa história dos conceitos. Cf. KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC - Rio, 2006.

⁴ Entre as principais contribuições para o estudo das relações de gênero acredito que estejam autores como BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Para o momento o texto busca ater-se a uma reflexão em torno de pesquisas que se desenvolvem a partir da narrativa dos trabalhadores dos campos e motores de agave, numa perspectiva que busca interpretar a memória a partir das narrativas orais. Para tanto utilizo o método hermenêutico, não aquela hermenêutica que explica, mas, uma atividade hermenêutica que procura interpretar. A hermenêutica, como método, implica compreender preservando as distâncias.

Ao trabalhar com a história oral o pesquisador, que se faz hermeneuta é aquele que, através do olhar, busca captar a estranheza; é um ser que busca utilizar os métodos mais humanos possíveis; o *ouvir* e o *falar*. A hermenêutica nasce para criar o diálogo entre silêncio e a incompreensão (PEREIRA; MUNIZ, 2011, p, 199). A partir das narrativas orais de duas mulheres, Dona Rita de Castro⁵ e Dona Julieta de Castro⁶, buscarei apresentar um panorama do trabalho nos campos e motores de agave, ressaltando o protagonismo feminino dentro desse espaço de trabalho e de relações sociais.

Talvez a sua ânsia de preencher os vazios do passado seja oriunda desse vazio, dessa solidão. O historiador é um ser solitário. Ele procura os lugares mais solitários para exercitar o seu *métier*. Ou não seria o arquivo um lugar de solidão? O próprio passado é um vazio, que só ganha sentido de acordo com a nossa escrita. O historiador habita o presente vivendo de passado. E se nos nutrimos nossa escrita de passado, é de lá que começarei meu texto...

Transcorria o ano de 1963. A senhora Isaura Dias Bolcão, seguia para a prefeitura municipal de Cubati, localizada à Rua São Severino, para pagar a guia de recolhimento no valor de quarenta mil cruzeiros, referente à transmissão *inter-vivos*, de duas partes de terra situadas na propriedade Pedro Paulo, que comprara ao senhor José de Medeiros Dantas, que naquele mesmo ano encerrava seu primeiro mandato frente à municipalidade. A propriedade não era grande, apenas onze hectares de terra, contudo eram terras valorizadas, pois, tinha duas casas de morada, uma cacimba e benfeitorias de agave e de algodão.⁷

Dona Isaura passava, com essa compra, a ser uma mulher de posses, afinal adquiriu um considerável pedaço de terra, duas casas, uma cacimba, e roçados de agave e algodão. Destacamos o agave e algodão, essas duas plantações davam um valor superior às propriedades, sem eles a terra teria um valor bem inferior. A partir da década de 1950, os roçados de agave passam a dominar as paisagens rurais em Cubati. Marcada pelos incentivos

⁵Rita Francisca de Castro, 70 anos, entrevista realizada em 29/10/2012.

⁶Julieta de Castro da Silva, 63 anos

⁷ Guia de recolhimento de transmissão inter-vivos. Arquivo da Prefeitura Municipal de Cubati.

governamentais essa cultura torna-se uma das principais atividades daquele município. Os roçados passam a ser ocupados pelas plantações de agave, que chegavam a perder de vista.

Recorri ao documento para mostrar que não eram apenas os homens que se interessavam pelas benesses econômicas advindas da produção de agave. As mulheres também acreditavam que as terras com “benfeitorias” de agave valorizavam as propriedades e garantiriam um futuro de realizações econômicas. Plantar agave, cultivar “roçados de agave”, bem mais do que uma atividade econômica, se constituía num projeto de vida para os agricultores cubatienses que vislumbravam dias melhores. É a construção de um sonho que começa a se formar.

Os grandes produtores enriqueciam, aumentavam suas riquezas, os pequenos agricultores apenas conseguiam o suficiente para fazer a “ferinha” da semana, que se constituía em alimentos básicos, feijão, farinha, café, açúcar e rapadura. O agave era sim uma força, força de poucos, uma força econômica, pelo menos até meados de 1980, quando começa a declinar. Durante os mais de trinta anos em que fez parte do cotidiano dos cubatienses, o agave deixou marcas, marcas que ainda hoje estão gravadas na memória.

Dona Isaura, é caso específico, pois no contexto das atividades relacionadas à produção de agave em agave, as mulheres desempenharam outra função, uma função diretamente ligada ao mundo do trabalho, poucas mulheres eram donas de terras ou de motores de agave, uma exceção se faz às viúvas, que, desprovidas da presença masculina se viam frente aos negócios e propriedades familiares.

Essa é uma “outra” história, uma história do cotidiano nos motores de agave. Por ser uma “outra” história, opto, por analisar as narrativas que as fibreiras elaboram sobre seu passado, é uma viagem no tempo através das memórias. Mulheres de fibra, marcadas por sentimentos e ressentimentos diante de um passado muitas vezes marcado pela submissão e pelo desrespeito, como nos mostra a fala que abre esse texto.

Vidas singulares. Mulheres humilhadas pelos patrões, pelos maridos, pela sociedade. “*Ele tá pagando onde ele tiver*”, diz dona Julieta ao se referir ao seu cunhado, sua fala é marcada por uma lembrança de humilhações, desrespeitos. Um (res) sentimento que sorratamente vai aparecendo na narrativa, palavras que vão revelando sentimentos, percepções do passado.

“É preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança, e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento” (ANSART, 2004, p, 15). É preciso, olhar a história por outros prismas, perceber nelas as fissuras, as partes sombrias e inquietantes. O ressentimento é aquela sombra

que se esvai, muitas vezes deixando unicamente o vazio, portanto, não proporciona clareza, exatidão. Mas isso não deve fazer o historiador recuar, mesmo nas curvas deve-se continuar buscando os signos, os indícios, os sinais, mesmo aqueles sinais que adentram nas zonas do esquecimento. O esquecimento também deve ser pensando como atividade humana, a esse respeito convém pensar a produção filosófica do filósofo francês Paul Ricoeur, sobretudo, em sua obra dedicada a pensar a memória, a história e o esquecimento.⁸

A memória é carregada de sentimentos construídos historicamente e marcados por seleções, cortes, afetividades, pois narrar a memória é, (re) desenhar caminhos antes percorridos, as memórias se entrelaçam com as sensibilidades, com as percepções construídas de acordo com as experiências cotidianas. Busquei em suas falas, as pistas, os indícios que me possibilitariam elucidar como se dava o cotidiano nos motores e nos campos de agave em Cubati. Busquei memórias que me narrassem as experiências cotidianas, que pudessem me fazer compreender os embates, as sociabilidades.

Voltemos ao cotidiano das fibreiras, tentando entender como aquelas mulheres “invadem” um campo de trabalho marcado pela dominação masculina, marcado por uma dominação masculina que se dá, sobretudo, de forma simbólica (BOURDIEU, 2002). Cinco horas da manhã, e o sol ainda nascia timidamente, como quem quisesse “encompridar” mais um pouquinho a manhã, mas as mulheres fibreiras já estavam prestes a iniciar mais um dia de trabalho.

Um grupo de mulheres formava um cortejo, mulheres de doze, quinze anos, jovens mulheres do trabalho, mulheres de fibra. Cada qual com sua sacolinha de estopa, dentro apenas o necessário para se alimentar longe do lar, um pedaço de rapadura, um pedaço de carne seca, e um pouquinho de feijão. Nas suas sacolas, alimentos que juntos se tornariam uma refeição partilhada, feita no espaço improvisado do motor de agave. Nesse trajeto essas mulheres conversavam cantavam, se prepararam para o dia de lida, ao chegar faziam o café e começavam o trabalho, cantando músicas “bunitas do tempo da gente”, como diz Dona Julieta⁹.

Umam deixavam filhos, outras deixaram a si mesmas em casa, passavam a viver outra realidade. O motor era outro lugar, outro espaço, marcado pela reinvenção da vida, lugar de resistências sutis, lugar onde eram forjadas novas formas de sociabilidade. Não um lugar de grandes eventos ou de espetáculos, mas aquilo que dentro do campo das resistências

⁸ RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

⁹ Julieta de Castro da Silva. 63 anos. Entrevista realizada em 29/072013.

camponesas podemos chamar de micro-atos (SCOTT, 2002, p, 13). A narrativa de Dona Julieta, mostra como era trabalhar nos campos de agave:

Oxe. Era todo dia, depois, até o sábado e o domingo. Era pra virar fibra e apanhar fibra, não tinha direito de ir uma missa, não tinha direito de nada porque saia de cinco horas da manhã no domingo pra ir amarrar a fibra, as vezes tinha que amarrar a fibra molhada porque era pra pesar e de quatro horas da manhã, quando o dia amanhecia eu já tava amarrando fibra. Eu e ela. Agora pra ganhar uma micharia, que num dava pra nada.¹⁰

É cada vez mais raro encontrarmos pessoas que cultivam a arte da narrativa, fenômeno identificado pelo filósofo alemão Walter Benjamin, já na segunda metade do século XX. E Benjamin, pensa essa crise da narrativa a partir de um fenômeno que fará parte do espectro da modernidade, a crise da experiência, segundo o autor; “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p, 198). Só existe narrativa a partir das experiências individuais ou coletivas. Perdendo-se a experiência, perde-se a narrativa.

Ao narrar suas experiências as mulheres falam do trabalho, do cotidiano que se inventava naquele ambiente marcado pelo fluxo de pessoas, de vozes, de sentimentos. O trabalho era geralmente realizado durante os dias de semana, conforme fosse a vontade do patrão, o trabalho era também realizado aos sábados e domingos, muitas vezes até a noite. Isso tinha uma explicação, aumentar a produtividade do motor. Dona Julieta, fala das inúmeras vezes que saiu às cinco horas da manhã para os campos de agave, ela, sua irmã e outras mulheres faziam parte de um grupo de tantas outras que ficaram conhecidas como fibeiras, mulheres que eram responsáveis por estender, limpar e amarrar as fibras de agave.

O cotidiano é marcado pela heterogeneidade, pelo fluxo de vidas, de sentimentos. O cotidiano é o lugar de trânsito, de pessoas, de vidas, de experiências. O homem já nasce inserido dentro de uma cotidianidade e nela permanece até o descarrilar de sua vida. A vida cotidiana é a vida do indivíduo, nos propõe a filósofa húngara Agnes Heller, ao problematizar a relação existente entre a história e o cotidiano (2008, p, 34).

No motor de agave trabalhavam em média sete pessoas, os trabalhos mais pesados eram realizados pelos homens. Os homens desempenhavam funções específicas, eram o puxador¹¹, o cambiteiro¹², o cortador¹³ e o bagaceiro¹⁴. Em meio aos imensos campos, era

¹⁰ Julieta de Castro da Silva. Entrevista realizada em 29/072013.

¹¹ Homem que inseria a folha do agave na “boca” da máquina, e depois de desfibrada puxava-a novamente, repetindo o movimento diversas vezes, até que as folhas fossem “transformadas” em fibras.

¹² Aquele que traz as folhas de agave do campo para o motor.

¹³ O cortador é o homem que corta as folhas de agave no campo.

possível visualizar os pequenos facho de luz que iluminavam o trabalho, que de acordo com a necessidade de produção, podia entrar noite adentro, quem recorda, fala de quanto era bonito de se ver aquilo, aquelas luzes espalhadas no mundão de agave, o lampião a gás fornecia a luz necessária para o trabalho.

No campo ou no motor, as mulheres eram, por vezes, colocadas em um patamar de inferioridade aos homens, a mulher recebia ordens e eram, por vezes, desrespeitadas com palavras ofensivas. As fronteiras entre o masculino e o feminino eram explícitas. Homem e mulher estavam envolvidos em embates, tensões.

A gente fazia fogo. Ora conversava, num tinha tempo de conversar não. A gente chegava e ia pra fibra, ai quando chegava de onze horas, aí o puxador que tava lá atiçava o fogo, ai quando nóischegava, ai naquela hora a gente botava mais água no feijão, ai botava sal, tempero não, que não existia tempero. Só era água e sal, e o feijão. Feijão véi preto, da cor de tirma, tão duro. A gente ia comer de doze horas, era durim, desse feijão véi preto. Todo mundo almoçava junto. E tinha vez quando a gente chegava, eles parava o motor de onze horas e ia comer. Ai a gente que tava na fibra, estendendo e virando fibra, só chegava mais tarde. Quando chegava num tinha mais nada, nem feijão, tinha só o caldo limpim. Ai eu dizia, oxente a gente trouxe o feijão pra botar no fogo e vocês comeram? Ai eles dizia, “ah, todo mundo bota uma chicra, aí dentro da panela”, eu digo, eu botei a conta que dava pra eu pra comadre Rita. Ele dizia, “coma caldo se quiser, se não quiser vá simbora pra casa”. Ai eu disse, pia comadre Rita, é a lei do diabo, essa da gente aqui, era. Ai tinha vez que num tinha vez que eles nem tinha respeito, dizia tanto palavrão no mundo, lá no motor. Eu dizia, respeite que minha irmã é casada e eu sou uma criança, me respeite. Eles dizia, “num tem respeito não aqui, pra quem trabalha no motor junto com os machos num tem respeito não”. Foi, mais eu sofri muito. O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele ta pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de Conceição. Eu sofri muito.¹⁵

A narrativa tecida por Dona Julieta, nos mostra como era o cotidiano no motor de agave, mais ainda, nos revela a clara distinção entre o homem e a mulher. A sua narrativa mostra experiências que revelam como as fronteiras entre o masculino e o feminino se manifestavam nas relações de trabalho. Mas como essas mulheres resistiam? Como (re) inventavam suas vidas naquele ambiente de hostilidades, de imoralidades¹⁶.

Mas, devemos ter cuidado, pois toda narrativa parte de sentimentos, de uma relação (in) direta com o passado. O motor também era espaço de alegria, de contentamento. O motor é lugar de confrontos, confrontos de vidas, de sentimentos, e hoje, de memórias. A mesma

¹⁴ Pessoa responsável por recolher o bagaço do agave, que durante o desfibramento, se acumulavam debaixo das máquinas.

¹⁵ Julieta de Castro da Silva. Entrevista realizada em 29/072013.

¹⁶ De acordo com o Dicionário Aurélio, imoralidade remete a oposição aos princípios da moral, ou seja, indecência. Cf. <http://www.dicionarioaurelio.com/Imoralidade.html>.

narradora que fala das humilhações sofridas no motor, com certa dose de ressentimento, ao ser perguntada sobre a existência de alegria naquele lugar, responde:

Cantava, era alegre. A gente era alegre. Você acredita que a gente comia feijão puro, sofria demais, mais a gente era alegre? Menino, eu cantava tanto. E aquelas canção bonita do tempo antigo. De vez em quando sai no rádio aqui e eu me lembro. Eu digo, olhe era do meu tempo, que eu trabalhava. Era alegre.¹⁷

As pessoas criavam laços que chegavam a ser pessoas próximas, que partilhavam a vida, as experiências, “*Era mermo uma família*”. Ela fala com orgulho dos mais de trinta anos em que foi desfibradeira e cambiteira, e junto com seus filhos ganhava o dinheiro para sustentar a casa, uma casa, que fugia dos padrões convencionais da época.

Seguindo as trilhas das memórias e das nas narrativas orais, encontramos uma pequena e franzina mulher, uma senhora que traz em seu corpo as marcas da vida. Uma mulher, um texto que desperta múltiplas interpretações. Dona Rita Francisca de Castro¹⁸, setenta anos de idade, quando ainda jovem, com seis filhos, separou-se do marido e passou a criar os filhos e sustentar a casa sozinha. A narrativa emotiva dessa mulher é diferente, e, como toda narrativa traz em si especificidades. Quando pensamos em palavras de mágoa, ódio nos deparamos com uma narrativa que volta ao passado não para buscar os ressentimentos, não para buscar as traições do marido, das amigas e mesmo da vida. Essa mulher A sua fala narra o passado com uma alegria cativante, fala do tempo bom, tempo que hoje desperta saudade. A memória não é só dela, faz parte de uma coletividade, tornou-se uma memória coletiva, partilhada, como propõe Maurice Halbwachs (1990), ao dizer que cada memória é um ponto de vista sobre a memória do grupo.

As falas de Dona Rita mesclam elementos do passado com angústias do presente, a partir de uma empatia criada entre a colaboradora e o pesquisador, foi possível entender quais os motivos que levam aquela pequena senhora a falar do passado com tanta saudade, sentimentos que desenham imagens de um tempo em que, mesmo com dificuldades vivia-se bem, vivia-se trabalhando, criando os filhos e vivendo em grupos de pessoas que assim como relatou Dona Hélia¹⁹, remodelavam laços de sociabilidade.

Ao reconstruir o mosaico de lembranças e as imagens do passado, D. Rita começa a falar na idade com que começou a trabalhar na agricultura, até quando passou a ser uma trabalhadora alugada do motor de agave, seguindo as trilhas da narrativa, revelam a sua

¹⁷ Julieta de Castro da Silva. Entrevista realizada em 29/07/2013.

¹⁸ Rita Francisca de Castro, 70 anos, entrevista concedida em 29/10/2012.

¹⁹ Maria Hélia de Sousa. 60 anos, entrevista concedida em 27/10/2012

percepção do trabalho, palavras recobertas de saudades, palavras revestidas de significados. Iniciando pelo trabalho já na infância a narradora diz;

Eu comecei com a idade de doze anos, primeiro no cabo da enxada, depois fui trabaiaá no motor de agave, porque naquele tempo a gente trabaiaava viu? Sofria muito, mais era bom. E depois do cabo da enxada eu comecei a trabaiaá no motor de agave. Trabaiei muitos anos no motor de agave. E foi aonde eu ganhava dinheiro, e eu achava muito bom. Quando era no sábado eu tinha meu dinheiro e ainda ajuntava uma coisinha²⁰.

Para ela, trabalhar é um motivo de orgulho, ao falar do passado a narrativa de Dona Rita se mistura com risos, alegres expressões de seu corpo, mas o sorriso mistura-se com gestos de saudade, com silenciamentos, silêncios que nada falam, mas muito dizem sobre a saudade daqueles tempos de trabalho. Depois de narrar a sua juventude e de como começou a trabalhar, da alegria em ter como criar seus filhos sem depender do marido, a narradora começa a falar sobre a hora em que saía de casa para trabalhar, em meio a risos e a interrupções contínuas, – *“Ah meu Deus, era muito bom”* – ela fala de quando seguia a pé, e sozinha pelas estradas da cidade, ela fala que naquele tempo era muito bom, pois não tinha nenhum “caba ruim que fizesse o mal, nem pra perseguir a gente”, hoje, segundo ela, “num é mais de confiança você sair sozinha no méi do mundo não”.

Eu chegava no motor de agave de três horas da madrugada. Teve dia de eu sair de uma hora ou duas, botava a peicheirinha nos quarto. Saia no méi do mundo com meus meninos tudo pequeno. Eu saia todo dia, todo dia. Quando eu chegava lá eles iam virando o motor, aí eu encostava pra trabaiaá na fibra, e tirava bagaço, fazendo de tudo.²¹

Sua narrativa é inquieta, buliçosa, percorre caminhos inesperados, mas na sua fala está sempre a saudade do tempo em que podia ter seus filhos tudo juntinho. A sua narrativa é toda uma vida, é sentimento, como o fio de Ariadne, o fio da memória nos ajuda a encontrarmos caminhos. A memória está dotada de seleções, recortes, e de sentimentos, sentimentos construídos, e, que se entrelaçam com as vivências pessoais, que criam uma afetividade com o tempo, e que, fazem de sua narrativa uma oração, uma confissão.

Homens e mulheres que juntos, fizeram parte de um momento de pujança econômica e agora narram suas memórias. Mulheres que ao narrarem ainda choram, ainda riem, tudo porque lembrar faz bem, lembrar concede-lhes a sensação de estar vivo, o ato de narrar é também um ato de poder. Poder de falar e de, mesmo por um instante ser ouvidos. Mas, todo

²⁰Rita Francisca de Castro, entrevista concedida em 29/10/2012.

²¹Rita Francisca de Castro, entrevista concedida em 29/10/2012.

texto tem um fim (!?) Não, creio que todo fim de texto é um começo de texto, e como disse o seu Ernando ²²; “Acho que tá bom. Obrigado.”

Referências:

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In; BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento*: indagações sobre uma questão sensível (orgs.). 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p, 15-36.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In; _____. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI. Ecléa, *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. – 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC - Rio, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: *Cadernos Pagu* (11), 1998, p. 67-75.

PEREIRA, Auricélia Lopes; MUNIZ, Roberto Silva. A hermenêutica nas dobras da (in) compreensão. In; APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SOUZA, Antonio Clarindo B. (orgs.). *Diálogos interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SCOTT, James C. Formas cotidianas de resistência camponesa. Tradução de Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. In; *Raízes*. Vol. 21, nº 1, jan./jun. 2002.

²² Ernando Lopes da Silva, 73 anos. Entrevista realizada em 13/08/2013.